



atos

do conselho superior

ano LX — janeiro-março de 1979

N. 291

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

ANO LX — JANEIRO-MARÇO DE 1979 — N.º 291

Índice

1.	CARTA DO REITOR-MOR	3
2.	ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES:	
2.1	O Conselheiro para a pastoral juvenil	10
2.2	O Conselheiro para a família salesiana	20
2.3	O Conselheiro para as missões	27
3.	DISPOSIÇÕES E NORMAS:	
3.1	O Necrológio	29
3.2	A rubrica “Magistério pontifício”	30
4.	ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR:	
4.1	Trabalhos do Conselho Superior	31
4.2	Atividades dos Superiores do Conselho	33
5.	DOCUMENTOS E NOTÍCIAS:	
5.1-3	Homenagem do Reitor-Mor ao novo Papa	46
5.4	Solidariedade fraterna	48
5.5	Czartoryski é “venerável”	51
5.6	Carta de Cuba	51
5.7	Nomeações	52
5.8	Irmãos falecidos	53

1. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, 24 de novembro de 1978.

Queridos Irmãos,

envio a todos uma saudação fraterna no começo deste novo ano marcado, para nós, pela lembrança sobre o Sistema Preventivo de Dom Bosco. Faço votos para que todas as Comunidades aprofundem e vivam quanto nos ofereceu o CG21 sobre o Projeto educativo salesiano, do qual vos falei na última circular.

Os ACS como instrumento de animação

Com este número dos ACS, o primeiro de 1979, inicia-se, podemos dizer, uma nova série. O CGE já havia definido, no art. 149 das Constituições renovadas, o significado substancial do “órgão oficial para a promulgação das diretrizes do Conselho e para as informações salesianas”, confiado aos cuidados do Secretário geral.

O CG21 insistiu de maneira particular no aspecto vivo e animador desejado para os Atos “em sinal de unidade e como interpretação autorizada da nossa identidade”.¹ Deviam ser um instrumento válido do “ministério da animação comunitária” do Conselho Superior e oferecer subsídios práticos sobretudo para favorecer uma “direção espiritual” atualizada e critérios apostólicos para as comunidades e para os Irmãos.²

Pensando nos quase 60 anos de história dos ACS vemos que nasceram para ajudar a desenvolver de maneira unitária em toda a Congregação o serviço de animação próprio do Conselho Superior. O significado espiritual e indispensável do ministério da autoridade religiosa foi descrito recente-

¹ CG21 19b

² CG21 61

mente, com louvável sentido eclesial, pelo documento da S. Sé sobre as relações mútuas entre os Bispos e os Religiosos.³ Ao apresentar, no n. 13, as características do serviço “carismático” dos Superiores em favor dos Irmãos do próprio Instituto, o documento confirma em primeiro lugar “sua tarefa de serviço e de guia dentro do Instituto religioso em conformidade com sua índole própria”⁴; e depois sublinha-se o múnus de ensinar observando que “os Superiores Religiosos têm a competência e a autoridade de *mestres de espírito* em relação ao projeto evangélico do próprio Instituto; nesse âmbito devem, por conseguinte, desempenhar uma verdadeira *direção espiritual* de toda a Congregação e de cada uma das suas Comunidades, e a farão em sincera consonância com o magistério autêntico da Hierarquia, conscientes de que devem exercer um mandato de grave responsabilidade na área do plano evangélico querido pelo Fundador”.⁵

E, mais adiante, lembra o documento que “os Superiores dos Religiosos têm o grave dever, assumido como responsabilidade prioritária, de velar com todo o empenho pela fidelidade dos Irmãos ao carisma do Fundador, promovendo a renovação prescrita pelo Concílio e exigida pelos tempos”.⁶

Um pouco de história

Desde os tempos de Dom Bosco procuraram os Superiores da Congregação transmitir aos Irmãos orientações e diretrizes nesse sentido. A 24 de maio de 1867, Dom Bosco escrevia de próprio punho uma carta que se pode considerar a primeira desse tipo de circulares: “A nossa Sociedade — dizia — talvez dentro de pouco tempo será definitivamente aprovada e por isso eu teria necessidade de falar aos meus amados filhos com freqüência. Não podendo fazê-lo sempre pessoalmente procurarei fazê-lo ao menos por carta”.⁷

A Congregação contava então 44 professores e 36 noviços. Dom Bosco fez tirar várias cópias da sua carta e, mudando

³ “*Mutuae relationes*”, maio de 1978.

⁴ “*Mutuae relationes*”, 13, tradução portuguesa.

⁵ “*Mutuae relationes*”, 13a, tradução portuguesa.

⁶ “*Mutuae relationes*”, 14c, tradução portuguesa.

⁷ MB VIII 828.

a data, escreveu de próprio punho os endereços. Tratava do fim que se deve ter em vista para ser salesiano. Um tema em plena consonância com quanto afirma o recente documento da S. Sé; e o argumento é tratado com tamanha clareza e convicção que faz dessa carta um verdadeiro modelo de circular para os Atos. Recomendo que a leiais outra vez.

A partir dessa data, o próprio Dom Bosco e posteriormente o P. Rua enviaram circulares aos Irmãos, sem periodicidade regular.

Em 24 de janeiro de 1905, o P. Rua introduz o uso da “Carta mensal”, datada regularmente aos 24 do mês, com intervenções do Reitor-Mor e dos demais Superiores. Além disso, porém, ele e de modo especial o P. Albera, escrevem circulares e cartas edificantes de maior fôlego, em determinadas circunstâncias.

A 24 de junho de 1920 o P. Albera dá início aos “Atos” propriamente ditos.⁸

Formulava com clareza a sua finalidade, ao escrever: “Para favorecer e facilitar o desenvolvimento orgânico da nossa Pia Sociedade, e avivar nos ânimos e nos corações o espírito do nosso Pai, os Superiores Maiores transmitiram sempre (...) as suas deliberações e conselhos por meio de Cartas Circulares”. Fazia notar, porém, que para tornar mais estável e orgânica essa importante comunicação aos Irmãos, o Conselho Superior havia deliberado reunir periodicamente num fascículo os seus “Atos”, porque confiava em que “este novo meio (poderia) concorrer para

⁸ Pode-se resumir nas seguintes datas a crônica para ilustrar o que precedeu e preparou a criação dos ACS:

1867, 24 de maio: a carta de Dom Bosco, considerada como o início das circulares formativas dos Irmãos;

1867-1888: circulares de Dom Bosco e de outros Superiores, sem data fixa (cópia datilografada nos arquivos);

1888-1905: O P. Rua continua a enviar cartas Circulares sem periodicidade fixa (recolhidas todas elas num volume);

1905-1920: O P. Rua inaugura a “Carta Mensal”, datada regularmente aos 24 de cada mês, com breves intervenções do Reitor-Mor e dos outros Superiores (todas conservadas no arquivo). Continua além disso a enviar cartas edificantes conforme as exigências e as circunstâncias;

1920, 44 de junho: O P. Albera inaugura o “número um” dos Atos do “Conselho” Superior. (Cf. ANS, novembro de 1974, p. 20);

o bem de toda a Pia Sociedade, estreitando cada vez mais os vínculos que unem os Irmãos aos Superiores Maiores e reavivando continuamente o espírito de Dom Bosco, que deve animar todas as nossas obras”.⁹

Inicia-se nova série dos ACS

O novo Conselho Superior eleito nos CG21, considerando diversas sugestões autorizadas, pensando nas exigências atuais e urgentes de animação e assumindo a modalidade de um estilo mais colegial nos serviços do Conselho Superior, estudou (já desde os primeiros meses de 1978) uma como reestruturação dos ACS, a iniciar-se no novo ano de 1979. Atendendo à finalidade própria dos ‘Atos’ e partindo da vontade capitular de melhorar-lhes a capacidade de comunicação, quisemos voltar a uma estruturação e apresentação de estilo mais explicitamente “colegial”, com a co-responsabilidade de todo o Conselho nas orientações apresentadas e com a participação direta do Vigário do Reitor-Mor bem como dos Conselheiros encarregados pelas Constituições de zelar por alguns importantes aspectos mundiais da vida salesiana dos Irmãos.

É a modalidade já empregada nas “cartas mensais” iniciadas em 1905 e nos próprios “Atos” de 1920 até ao CG19 de 1965.

Cada fascículo da nova série compreenderá substancialmente duas partes: a primeira, mais ágil e vária, compreenderá serviços de animação mediante uma carta do Reitor-Mor e algumas intervenções qualificadas do Vigário ou dos Conselheiros, não de todos simultaneamente no mesmo fascículo, é claro. Numa segunda parte apresentar-se-ão serviços de comunicação acerca de disposições e normas, atividades do Conselho, informações e documentos de interesse especificamente salesiano, em consonância com a natureza própria dos ACS, evitando que se tornem um duplicado de outras publicações que circulam nos nossos ambientes.

A carta do Reitor-Mor será ordinariamente breve, reservando a exposição mais ponderada de um tema a

⁹ ACS 1920, 1, pp. 1-2.

situações especiais. A periodicidade dos fascículos será trimestral: 4 números por ano.

Importância de um bom uso dos Atos

Queria, caros Irmãos, que se desse importância vital aos ACS em cada Inspetoria e em cada Comunidade, utilizando-os pessoal e comunitariamente¹⁰ como instrumento realmente qualificado de animação salesiana. O CG21 lembrou-nos a importância da animação com indicações penetrantes e sugestivas.¹¹

O Conselho Superior tem consciência do delicado mandato recebido da Congregação e da responsabilidade assumida no ministério da autoridade religiosa. Quer exprimir a sua vontade de serviço numa animação oportuna e atualizada, mergulhando as diretrizes e orientações no rico álveo do carisma do Fundador com amplos contextos de espírito religioso e de missão salesiana. Desejaria provocar uma atenção simultânea à tradição viva e aos sinais dos tempos.

É tarefa peculiar do Reitor-Mor com o seu Conselho guiar este discernimento urgente para ler uma realidade humana complexa e ambígua, com o objetivo de traduzir na vida de hoje o mesmo espírito de Dom Bosco: confrontando os valores permanentes da mais genuína tradição salesiana com os apelos do que é novo.

Fazemos votos para que saibamos caminhar com inteligência e atenção nessa linha!

Convite à valorização da recente alocução do Papa à União dos Superiores Gerais¹²

E, antes de concluir, quero oferecer-vos uma breve reflexão sobre o discurso que o S. Padre João Paulo II fez

¹⁰ Convém observar que um bom uso comunitário dos ACS implica, por parte do Diretor, ou de quem por ele, um critério de escolha para a leitura em comum. Nem tudo o que se inclui nas páginas dos Atos é, de per si, matéria apropriada para uma leitura espiritual comunitária.

¹¹ Cf. CG21 46, 584-586.

¹² Cf. *L'Osservatore Romano* (edição portuguesa) de 3 de dezembro de 1978.

justamente hoje a nós, Superiores Gerais reunidos em sessão de estudo e oração.

Falou-nos da indispensabilidade da Vida Religiosa e de suas contribuições positivas para a obra de salvação de todo o Povo de Deus; sem ela “a Igreja não seria plenamente ela própria”.

Urge, pois, zelar pelos valores da Vida Religiosa com solicitude e fazê-los “funcionar” convenientemente “no conjunto da vida da Igreja contemporânea”.

Para atingir tão importante escopo o S. Padre destaca alguns grandes valores e põe em guarda contra insídias bem conhecidas.

Entre os grandes valores a cultivar para o reflorescimento da Vida Religiosa hoje, o Papa enumera:

— *O carisma do Fundador*, assumido com gratidão pela Igreja, não como “apelo ao passado” mas como dinamismo de vida para os tempos novos.

— *A clareza evangélica da seqüela de Cristo*, não com espírito de “contestação”, mas como “testemunho” público na Igreja, alimentado pelo “espírito de maximalismo evangélico, que se distingue de qualquer radicalismo sócio-político”.

— *Uma incorporação concreta na vida eclesial*, a salvar segundo os critérios diretivos do documento sobre as relações mútuas entre os Bispos e os Religiosos. Deve-se considerar nesse campo que o “caminho” característico para os Religiosos, onde quer que se encontrem no mundo, é o de serem “para a Igreja universal, mediante a (...) missão numa determinada Igreja local. (...) Unidade com a Igreja universal por meio da Igreja local”!

— *E o primado da dimensão contemplativa*, com um cuidado especial do empenho na oração: “É este — diz o Papa — um dado ontológico que aspira subir à consciência e orientar a vida, não somente em benefício de cada pessoa, mas também para vantagem da comunidade inteira”.

Essas quatro grandes linhas de empenho para a genuinidade e o reflorescimento da Vida Religiosa devem ser objeto da nossa consideração pessoal e comunitária; o Vigário de Cristo no-las propõe com autorizada preocupação após

atenta consideração das exigências e dos problemas atuais. São reflexões e diretrizes dirigidas a nós, Religiosos de hoje, para que nos tornemos, de fato, na Igreja, testemunhas públicas da centralidade de Deus, do seu amor salvífico e da urgência de restituir à “santidade” o seu peso comunitário e social. É cultivando essa via de santificação específica, diz o Papa, que os Religiosos poderão evitar certos perigos muito atuais, como:

— *“a tentação de particularismos e de contraposições”*, que arruinam a unidade dos Institutos e das comunidades mediante a organização de grupos de pressão e de prejudiciais polarizações;

— *“as radicalizações sócio-políticas”*, por bem duas vezes o Papa no-las lembrou sublinhando-as com recordações de sua experiência: “a opção pelos mais pobres e por toda vítima do egoísmo humano” deve ser claramente expressão de preocupação “evangélica”, bem diferente dos projetos temporalistas e radicalizações ideológicas “que ao longo do tempo se revelam inoportunas, contraproducentes e geradoras elas próprias de novas prepotências”;

— *e as atitudes de secularismo*, pelas quais nos inserimos entre o povo, pondo em questão “a própria identidade religiosa” e ofuscando “a originalidade específica da própria vocação”.

Queridos Irmãos, entesouremos diretrizes tão concretas e atuais e recomendemo-nos à Virgem Maria para que as vivamos num testemunho crescente.

O próprio Papa lembrou aos Superiores Gerais que Nossa Senhora “continua a ser o modelo insuperável de toda vida consagrada. Seja Ela a vossa guia na subida, extenuante mas fascinadora, a caminho do ideal da plena assimilação a Cristo Senhor”.

Uma saudação cordial a todos, no espírito do nosso querido Fundador Dom Bosco.

P. Egídio Viganó
Reitor-Mor

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 *O Conselheiro para a pastoral juvenil*

O “PROJETO”, PONTO FOCAL DO TRABALHO DO DICASTÉRIO

A lembrança dada pelo Reitor-Mor “para orientar e inspirar a programação de iniciativas especiais” durante o ano de 1979 focalizou o tema do PROJETO EDUCATIVO SALESIANO. Entre as suas indicações lemos: “Para esse trabalho convirá aproveitar também a colaboração qualificada do Dicastério para a Pastoral Juvenil, que nos próximos anos propõe-se concentrar os seus serviços nessa área”.¹

A fim de atender esse convite e oferecer um contributo para a elaboração do Projeto Educativo, o Dicastério apresenta a sua primeira comunicação por intermédio dos “Atos do Conselho Superior”.

Uma perspectiva inicial indispensável

Os temas e as propostas pastorais dos Capítulos Gerais XX e XXI constituem uma síntese que amadureceu por obra da reflexão sobre a realidade da Igreja “em tempo de evangelização” e sobre a missão da Congregação.

Acolher os temas como um conjunto de sugestões separadas, sem considerar as inspirações de fundo ou aplicar as propostas como uma série de providências setoriais, seria desvirtuar-lhes a intenção e privar as comunidades de sua força renovadora. Não se trata de fazer “algumas coisas” a mais, ou “outras coisas” em relação ao passado, mas de perceber a nova oportunidade oferecida pela situação atual à evangelização dos jovens e defrontá-la com atitude criativa e confiante. Por isso fala-se de um PROJETO que deve realizar localmente os princípios gerais enunciados no Sistema Preventivo.

Mais: o projeto pastoral supõe uma COMUNIDADE que o elabore. Isto se faz não pela escolha de um método

¹ ACS 290 p. 39.

que um agente prefere a outro, mas pela própria natureza da ação pastoral que, justamente como ação de Igreja, tem uma estrutura comunitária, e não pode avançar e progredir a não ser pelo crescimento da comunidade.

A comunidade enfim, para a atuação do PROJETO, requer a animação. Em torno desses três centros de interesse: PROJETO-COMUNIDADE-ANIMAÇÃO, o capítulo recolheu as múltiplas sugestões individuais. Sobre elas fixou e concretizou o novo estilo de presença evangelizadora que hoje somos chamados a seguir. Tal perspectiva, se compreendida e acolhida operativamente, garante um caminho; descuidada, faz perder o sentido das iniciativas particulares.

A comunidade elabora o projeto

Um fato novo, posto muitas vezes em evidência a propósito da aplicação do Sistema Preventivo, é o aumento dos colaboradores leigos. Não se destaca apenas o fato da sua presença, mas sobretudo o fato da sua prevalência numérica. Em muitos lugares os Salesianos são minoria diante deles.

O fato tem aspecto positivo, como a possibilidade de uma ação mais vasta de nossa parte, o enriquecimento das contribuições educativas próprias dos não religiosos, o entusiasmo que não poucos leigos demonstram pela pedagogia salesiana.

Dificuldades não faltam, quer na escolha dos colaboradores, quer nas relações sucessivas, dificultadas às vezes por elementos estranhos ao fato educativo, e ainda pelo pluralismo de vistas sobre o sentido da vida e sobre os objetivos e métodos educativos. O fato, porém, aí está e nos interpela.

A grande presença dos colaboradores não salesianos acrescenta-se a participação, já universalmente aceita, dos pais e dos jovens.

Perante o novo estado de coisas, de se acharem co-responsabilizados, no mesmo intento educativo, religiosos, colaboradores leigos, pais e jovens, multiplicaram-se nos

anos passados experiências com o objetivo de encontrar um caminho de solução para os problemas que de aí derivam. Nem sempre as respostas foram satisfatórias.

O “Projeto Educativo” proposto com insistência pelo CG21 e que de nós reclama um empenho todo especial de atenção, estudo e aplicação, quer agora ajudar-nos a resolver as dificuldades que se foram criando nas nossas obras.

O “Projeto Educativo” não deve ser um “produto técnico” feito por poucos e apresentado apenas como uma organização das atividades em horários e calendários: resultará ao invés da participação de todos os responsáveis da educação, recolherá a experiência e os recursos de todos, promoverá um verdadeiro caminho de “Crescimento conjunto” de todos os que participam na mesma missão.

As recomendações do CG21 são explícitas e claras sobre esta nova colocação. “A formação — lê-se no n. 62 — de verdadeiras comunidades pastorais, tendo como base a co-responsabilidade e a colaboração, é um dos principais objetivos da nossa renovação”.² Evidenciando as razões pedagógicas e pastorais que estão em favor do projeto educativo assim entendido, continua: “É uma afirmação válida, também para o papel particular de animação a que é chamada a comunidade, em sintonia com as indicações eclesiais e pedagógicas. Dado o nosso carisma específico, animar a comunidade educativa da qual, ‘juntamente conosco são membros ativos os pais, os colaboradores leigos, os mesmos alunos unidos em diálogo e co-responsabilidade em diversos níveis’, e isto nos diversos ambientes, é uma forma de evangelização que de nós se exige, como educadores”.³

Quando numa comunidade educativa todos os componentes se sentem co-responsabilizados num compromisso único e solidário, apresentam-se espontaneamente muitos pontos de reflexão: entre os primeiros o estudo do Sistema Preventivo e das suas grandes inspirações, para o qual a recente carta do Reitor-Mor nos oferece material de utilização imediata. Depois, maior compreensão da condição

² CG21 62.

³ ib.

juvenil e as contribuições mais significativas das ciências pedagógicas e pastorais. Esta reflexão comum levará como consequência necessária a um trabalho de aprofundamento da nossa ação educativa.

A formulação do “Projeto” se chega de maneira progressiva e mediante paciente partilha de experiências comunitárias e de pontos de vista. O CG21 nos lembra: o Projeto “exige a adesão livre de todos os membros de uma comunidade”.⁴ E ainda: “Para conhecer melhor este projeto e seu espírito, estudaremos e procuraremos juntos, em atitude de diálogo, mais que de mestres”.⁵

Mediante esse itinerário, que visa mais a objetivos de que a prazos imediatos e apressados, é que a comunidade educativa amadurecerá “a consciência viva, a nível de mentalidade e de práxis da necessidade de agir co-responsavelmente”⁶ e “uma consciência clara da identidade evangelizadora da nossa educação”.⁷

Para poder percorrer esse caminho é indispensável cultivar **RELAÇÕES NOVAS E DIVERSAS** entre os componentes da comunidade educativa:

— Em primeiro lugar é necessário **CONFIANÇA**: ela brota da descoberta de certo liame vocacional, pelo fato de terem sido chamados a trabalhar na mesma obra de educação cristã e com o mesmo espírito, embora com vocações diversas. Os que o Senhor, mediante caminhos providenciais, colocou em redor de nós, **TÊM** também eles uma “missão”, cuja beleza e importância é preciso fazer sentir.

— Deve-se também voltar a **ATENÇÃO PREFERENCIAL** à **FORMAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA**, na tríplice linha das tarefas educativas profissionais, da vocação cristã e da salesianidade. Enquanto as iniciativas precedentes detinham-se de maneira preponderante na constituição e organização da comunidade educativa, o Capítulo Geral quis sublinhar a necessidade de evangelizar os próprios componentes da co-

⁴ Cf. CG21 67b.

⁵ CG21 78.

⁶ CG 21 67a.

⁷ CG21 67b.

munidade educativa por intermédio de um programa formativo.

— É preciso finalmente considerar a **PARTICIPAÇÃO** não somente na fase organizativa, mas na formulação das metas e na elaboração do Projeto. Estamos convencidos de que, “hoje sobretudo, não só nem primeiramente por necessidade, mas por motivos óbvios de eclesiologia e de pedagogia, temos necessidade de leigos, que sejam conscientes e capazes colaboradores nossos para integrar eficazmente a nossa obra educativa, pastoral, evangelizadora”⁸.

O papel dos Salesianos

A comunidade que se proponha percorrer esse caminho exige um particular ministério de “propulsão e animação”. A essa tarefa são chamados os **SALESIANOS**. Não um salesiano em particular, mas a comunidade salesiana. Um centro de energia, mais que um vértice de comando. Afirma-se no CG21: “A evangelização, testemunho e anúncio, vivida pelos Salesianos no meio da comunidade educativa, requer que assumam a **FUNÇÃO DE ANIMADORES** frente a todas as forças que colaboram”⁹. É este “um elemento decisivo numa perspectiva pastoral de evangelização”¹⁰.

Trata-se, pois, de uma questão que atinge o testemunho e o anúncio, mais ainda que a eficácia organizadora: mais do que visar, por exemplo, a uma técnica de trabalho comum ou a uma forma de exercício de autoridade numa estrutura de ação, ela visa à evangelização e é dela um elemento decisivo. De fato “um cristão ou um punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos por tudo aquilo que é nobre e bom, irradiam, dum modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes”¹¹.

⁸ ACS 279 p. 42; CG21 66.

⁹ CG21 66.

¹⁰ CG21 65.

¹¹ EN 21

A animação é definida pelo nosso documento “um dom do Senhor” que é colocado no mesmo nível e na mesma linha do dom “da oração e do dom da fraternidade”¹². É uma mediação por meio da qual o Senhor faz crescer a consciência dos que chamou a uma missão e, com a consciência do chamado, à fidelidade e à alegria. As comunidades educativas que atualmente dispõem de um serviço de animação sábio, ativo e providente sabem que possuem um dom providencial ao qual está ligado o seu crescimento.

A perspectiva geral apresentada no início do documento do Capítulo Geral é referida depois a cada um dos nossos ambientes de evangelização. Em cada um deles exige-se não só e primariamente a aplicação direta dos Salesianos às múltiplas tarefas, nem o espírito de iniciativa “individual”, mas a capacidade de animar uma comunidade de agentes. O oratório, a escola, a paróquia, as missões, as novas presenças requerem sempre uma orientação fundamental: formar e fazer crescer uma comunidade educadora-evangelizadora na qual os Salesianos assumam o papel de animadores¹³.

Como animar

Será útil, penso, respigar na riqueza do breve documento capitular alguns pontos que mais diretamente tocam o aspecto que tentamos colocar em evidência.

— Que significa ANIMAR? “A animação — diz o CG21 — no seu significado original, que se opõe ao de imposição externa, faz pensar em primeiro lugar na atividade interior da alma, como energia de vida, de crescimento harmonioso, de coesão articulada das partes¹⁴. Um primeiro aspecto é, pois, este: animar é suscitar, motivar, despertar, fazer refletir, iluminar, chamar à responsabilidade, apoiar, propor e sobretudo saber receber dos outros. Descrita assim como um estilo de relações, a animação se inspira no Sistema Preventivo e no Projeto Educativo e merece uma consideração privilegiada. Mais do que uma metodologia para a guia dos grupos, é uma “educação” dos próprios educadores. Exige

¹² Cf. CG21 33.

¹³ Cf. CG21 n. 126, 133, 138, 146, 154.

¹⁴ CG21 46.

deles capacidade de enriquecimento mútuo, sentido do valor das pessoas, solidariedade na missão comum.

— A obra de animação concretiza-se em INICIATIVAS que promovem a vitalidade da comunidade. Cada uma das iniciativas tem um sentido e um objetivo diverso na ordem da informação, ou da criação de atitudes e relações, ou do planejamento, ou do aprofundamento da identidade. Ainda que executadas em tempos diversos, por pessoas diversas, com modalidades diversas, todas devem convergir para uma finalidade claramente definida e claramente formulada.

A tarefa de animação exige, pois, um *plano de iniciativas* convergentes. A animação deve saber convocar, tornar presentes os objetivos, habituar a superar os inevitáveis momentos de crise e de estase, provocar, aceitar e integrar as contribuições diversas, voltar a discutir pontos que pareciam evidentes. Prevêem-se também intercâmbios e estímulos para as pessoas individualmente, e oportunidade para os grupos e para toda a comunidade.

A animação sobretudo ajuda a ter sempre presentes as motivações pelas quais formamos uma comunidade educativo-pastoral e põe constantemente essa comunidade em contacto com a sua fonte de inspiração: o Evangelho.

— A prova mais segura da presença de animadores eficazes na comunidade é o crescimento da CO-RESPONSABILIDADE. Não a assunção por parte de alguém de iniciativas, das quais os outros sejam expectadores ou beneficiários apenas, mas a participação a nível de mentalidade e de trabalho de pessoas que se sentem complementares.

Certamente nessa co-responsabilidade os Salesianos têm uma contribuição específica a dar: não devem renunciar a ela, antes devem garanti-la, na medida do possível, mesmo por meio de providências de organização. É o que nos lembra o documento sobre a evangelização quando diz: “Caberá aos Salesianos GUIAR o processo a fim de que a comunidade seja EVANGELIZADA E EVANGELIZADORA”¹⁵. Para garantir essa contribuição, acrescenta o documento do Capítulo Geral, “a equipe dos Salesianos mantenha os postos-

¹⁵ CG21 131.

-chave que lhe permitam animar cristãmente a Comunidade Educativa”¹⁶.

A animação é, pois, o CUIDADO PASTORAL que visa a impregnar a educação de sentido cristão e a promover o crescimento cristão de cada componente e de toda a comunidade.

Espírito e profissionalidade

A raiz da capacidade animadora dos Salesianos está na sua própria vida “religiosa”, com as suas conotações de doação total a Deus e ao próximo, com os seus momentos de recuperação de energia e clareza na oração comum, com a fraternidade vivida no nome do Senhor, que leva a enfrentar tudo em comum.

Essa é a fonte e por isso o Capítulo Geral XXI afirma que a comunidade “ANIMADA” se torna “ANIMADORA”¹⁷. Adverte-nos ainda que a condição prévia e radical da nossa capacidade animadora é a docilidade ao Espírito Santo, principal animador do Povo de Deus e de cada comunidade.

Mas a “fonte”, “a energia”, “a inspiração” requerem o esforço de adquirir e pôr em jogo também as capacidades profissionais de cada um e da comunidade. A “*Evangelii nuntiandi*” lembra — é verdade — que “as técnicas da evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo. A preparação mais apurada do evangelizador nada faz sem ele”¹⁸. Tal afirmação não diminui entretanto o valor da profissionalidade e da preparação específica. De fato, já havia dito o documento pontifício: “Todos sabem que a arte de falar se reveste hoje em dia de uma grandíssima importância. E como poderiam então os pregadores e os catequistas descurá-la?”¹⁹. O papel de animação, como o de evangelização, ao qual está ligado, exige, pois, consciência da “inspiração do alto”, mas também cuidado da “profissionalidade”

¹⁶ CG21 133.

¹⁷ Cf. CG21 17.

¹⁸ EN 75.

¹⁹ EN 73.

pessoal, que se adquire com a dedicação plena e uma preparação constantemente atualizada e aprofundada.

Sob esse aspecto é que podem encontrar remoras que requerem um empenho particular para serem superadas. Nem todos de fato estão preparados para essa tarefa; nem todos estão dispostos a enfrentar as dificuldades que ela comporta; alguns talvez não acreditam que seja possível a “mudança pastoral”, que quer animar uma comunidade de cristãos interessados numa obra de educação, ou pensam que ela não conseguirá os mesmos frutos dos esquemas anteriores.

De muito se fala da preparação e da formação dos colaboradores leigos. O CG21 focalizou uma condição anterior a toda proposta de animação e co-responsabilização dos componentes da Comunidade Educativa: A QUALIFICAÇÃO DOS SALESIANOS para esse tipo de ação. Assim uma Orientação prática escreve: “OS SALESIANOS SE EMPENHEM EM REQUALIFICAR-SE E EM PROMOVER NOS AMBIENTES ONDE TRABALHAM, a comunidade educativa e a co-responsabilidade pastoral dos leigos”²⁰.

O que se disse da animação aplica-se de forma particular ao processo de elaboração do PROJETO. Os Salesianos são chamados a promovê-lo, favorecendo a participação de todos e iluminando o seu conteúdo com a contribuição específica do seu sentido religioso e da experiência salesiana. E isso por certo exige deles um esforço prévio de estudo e de qualificação.

Conclusão: refletir, preparar-se, assumir

* Quase todas as “orientações prática” que dizem respeito à pastoral vão confluir nestes álveos, que são interdependentes: PROJETO-COMUNIDADE-ANIMAÇÃO.

Não chegaremos a um PROJETO no sentido proposto pelo Capítulo sem *comunidades* que reflitam e trabalhem juntas e sem a presença de *animadores* que façam refletir e trabalhar juntos.

²⁰ CG21 79.

* Compreender o PAPEL DE ANIMADORES e as suas conseqüências práticas, QUALIFICAR-SE para servir mediante esse papel como mediação à ação do Espírito, ASSUMI-LO COM CONFIANÇA não obstante as eventuais incertezas próprias e todo início: entre as iniciativas que a Lembrança do Reitor-Mor há de inspirar, as que se referem a este programa têm certamente prioridade de valor e eficiência.

2.2 *O Conselheiro para a família salesiana*

FAMÍLIA NATURAL E PROJETO DE DOM BOSCO

O Reitor-Mor na breve apresentação da “lembrança” para 1979 escreve:

“A lembrança interpela

- * todos os consagrados,
- * os Cooperadores, os Ex-alunos e os colaboradores,
- * as famílias chegadas a nós em seus empenhos educativos domésticos.

A formação justa e integral da juventude encontra-se na base das possibilidades de uma nova sociedade e abre os horizontes à esperança.

Apraz-me sublinhar a alusão à família natural para um relançamento nela do sistema preventivo de Dom Bosco.

Pois as famílias têm hoje grandes necessidades de orientações justas em sua delicada missão: constituem a célula educadora fundamental à qual todos devem dar a própria colaboração. O projeto educativo salesiano oferece um patrimônio extraordinário de valores concretos para sanear o clima familiar e renovar-lhe a indispensável e basilar função sócio-política e religiosa”.

O Reitor-Mor insiste na renovação do sistema preventivo, sobretudo na maneira prática de ser e de agir, a fim de que se ajuste às mudanças culturais e aos atuais progressos pedagógicos e novas orientações pastorais, como resposta “aos clamores da juventude do nosso tempo”. Neste sentido é que se deve falar do valor atual do projeto de Dom Bosco também para renovar a família natural.

Expõem-se a seguir algumas orientações para realizar esse aspecto da lembrança por parte dos componentes da Família Salesiana, todos eles de alguma maneira ligados à vida de família, que, para grupos numerosos — Coopera-

dores, Ex-alunos, Voluntárias —, é o ambiente de vida, de relações e trabalho, e para todos fonte de inspiração. Com efeito:

1) os consagrados religiosos fazem da vida de família exemplo de convivência comunitária;

2) os educadores e pastores transpõem-lhe o ritmo para a comunidade educativa e pastoral;

3) Cooperadores, Ex-alunos, consagrados seculares salesianos, colaboradores leigos, devem viver os valores do sistema preventivo nas suas famílias naturais que são parte do seu projeto de vida. Para estes últimos vale de modo particular o empenho de construir famílias nas quais se realize o extraordinário patrimônio de valores “oferecidos pelo projeto educativo salesiano”.

Se o primeiro e o segundo aspecto foram muito estudados, o terceiro foi menos aprofundado, salvo louváveis exceções, como no movimento ‘Hogares Don Bosco’ dos Cooperadores da Espanha, e nos temas do Congresso mundial dos Cooperadores e no 3.º Eurobosco.

Os vários grupos da nossa Família espiritual deveriam concentrar seus esforços, na realização das riquezas mencionadas na lembrança, em três direções concretas, que interdependem e mutuamente se integram.

1. As convicções

Para que uma ação seja verdadeiramente sentida e compartilhada deve-se fundar em convicções sólidas. Entre as tantas convicções que o Reitor-Mor recorda implícita ou explicitamente na lembrança destacam-se algumas, necessárias para orientar o cristão no novo ambiente cultural em que vive.

1. A família não é somente a célula da qual nascem a Igreja e a sociedade, mas é, outrossim, o lugar em que os homens se enriquecem dos dotes e virtudes sobre cuja presença elas se fundam: as virtudes teologais e morais, a ordem, o respeito do outro, a consciência pessoal, a abertura aos outros, a partilha, a realização comum de um projeto com a contribuição, a integração e interação harmoniosa de

todos, a justa distribuição dos papéis, a capacidade de se sacrificar pelos outros. A tristeza dos filhos únicos, a solidão dos anciãos, numerosas evasões dos jovens, e muitos desvios encontram a sua origem em famílias nas quais falecem tais valores.

2. Isto significa que a incapacidade educativa da família é dificilmente remediável e que qualquer outra instituição educativa bem construída não faz senão integrar, ajudar, colaborar, realizar o trabalho educativo da família.

Tempo houve em que escola, colégio e família pareciam talvez ignorar-se: mas, na realidade, como fossem sadias as famílias e sadias as instituições educativas, elas se integravam reciprocamente, e o resultado era quase sempre satisfatório. A dificuldade e os insucessos de muitos jovens de hoje educados também em ótimas instituições cristãs é devido ao fato da falta de respaldo familiar, abdicatório ante a sua tarefa natural dificilmente delegável de todo a instituições educativas, porque estas não são o ambiente natural de crescimento e maturação do homem e têm de qualquer forma necessidade da cooperação familiar.

3. Uma terceira convicção: também a educação cristã tem pouca capacidade de êxito caso não haja perfeito entendimento entre Igreja e família, porque, para o sacramento do matrimônio, a família é, ela própria, Igreja e, ao mesmo tempo, evangelizada e evangelizadora, justamente pela graça do sacramento que enriquece o ministério educativo dos pais.

4. Por isso Dom Bosco fez consistir a “suma” do seu sistema educativo no “espírito de família” sem o qual a educação salesiana não produz nem honestos cidadãos, nem bons cristãos! Certos milagres de formação humana e cristã alcançados por Dom Bosco são devidos ao fato que os jovens encontraram na sua casa os valores que por motivos diversos não haviam encontrado na família natural. O amor de Deus e dos educadores eram elementos que, fundindo-se naturalmente, ajudavam os alunos da educação salesiana a tornarem-se capazes de fundar famílias cristãs, células da sociedade e da Igreja, ambientes ideais para homens probos, cidadãos honrados, cristãos convictos.

2. O testemunho

É a primeira contribuição educativa de todos os componentes da Família Salesiana para educar os jovens para os valores familiares e prepará-los a fundar famílias em que estejam presentes os valores do sistema salesiano.

1. Não se deve esquecer que o projeto educativo de Dom Bosco antes de ser uma práxis na vida do Oratório e depois uma reflexão no pequeno tratado sobre o sistema preventivo e em outros documentos, foi a experiência de vida na sua família natural, na maneira de fazer e nas intervenções de Mamãe Margarida, na relação entre ela e os filhos — tão diferentes! — e dos irmãos entre si. E mamãe Margarida foi também “pai!” do órfão Joãozinho, e com quanta força, decisão e sofrimento em certos momentos! E como emergem nos episódios da sua infância razão, religião e carinho! Ali Dom Bosco aprendeu a descobrir a Deus na natureza, a rezar, a estudar o catecismo, preparar-se para os sacramentos, descobrir a sua vocação, segui-la, e refletir sobre a sua importância, a amar a Maria, respeitar os anciãos, suportar os irmãos, trabalhar, ser aberto aos jovens, suportar fadigas e incômodos, tratar com caracteres difíceis; a encontrar a alegria também nas dificuldades, a confiar na Providência...

2. Lembrados desse exemplo da família do Fundador, todos os membros da Família Salesiana devem fazer da sua vida um testemunho de tais valores, para dar prova de que crêem, deveras, que neles se encarna o espírito salesiano: assim tornar-se-á crível o seu esforço e construir comunidades educativas e pastorais impregnadas dos valores do projeto de Dom Bosco, nascido do amor cristão, da simpatia humana, da dedicação, do bom senso, de convicções inabaláveis, da fidelidade.

3. Ao testemunho pessoal os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora acrescentam o comunitário: vivem como grupos privilegiados da família de Deus, são uma verdadeira família de irmãos, na qual os vínculos da carne e do sangue são substituídos pela comunhão de graça, que na família natural vem do sacramento, e pelo projeto comum de santidade e de apostolado, no qual os dotes pessoais se integram

na caridade fraterna “benigna, paciente, humilde...”, são demonstração de carinho que é “sinal” exterior da caridade interior, ao passo que os valores naturais da amizade, da ajuda recíproca, da partilha, da alegria, do estarem e trabalharem juntos, do equilíbrio, da discrição, são testemunhos de razoabilidade.

4. Um testemunho de todo particular é o que os colaboradores leigos — e somente eles! — podem dar sobre a família educativa em que trabalham, porque eles são homens e mulheres com um conhecimento experiencial do valor insubstituível e essencial da contribuição que somente a família dá à sociedade e à Igreja, das quais é célula, e à educação, da qual é a primeira responsável: jovens colaboradores e colaboradoras que pensam e se preparam para a família; jovens esposos que a fundam; pais que dão dela uma demonstração completa, ou anciãos que vivem a alegria de uma boa ação, de uma família bem sucedida.

5. Alguns colaboradores e colaboradoras leigos, que toda a comunidade educativa salesiana deveria privilegiar, Cooperadores e Cooperadoras, Ex-alunos e Ex-alunas, e somente eles, podem dar um testemunho mais completo neste campo, porque o fazem por uma vocação na qual os valores salesianos são componentes essenciais de um projeto de vida familiar e salesiano ao mesmo tempo. Como “salesianos” estão em particular sintonia com os demais educadores leigos e podem ajudá-los com a sua sensibilidade, experiência e salesianidade a tornarem-se deveras “associados à nossa missão” no campo importantíssimo da educação dos jovens que constituirão as famílias de amanhã. Da escola maternal aos níveis universitários, das escolas de catecismo aos centros juvenis, dos Conselhos de classe e colegiais, eles têm a possibilidade de dar uma versão familiar do projeto educativo.

Bem lembra o CG21 esta simples verdade ao motivar a “preferencialidade” da co-responsabilização que deles queria o CGE, explicando longamente que a sua presença é “importante para os jovens (...) importante para nós (...) importante para os outros colaboradores leigos” (CG21 72-74).

3. A ação

O testemunho é já, de alguma sorte, ação; esta, porém, apresenta aberturas a espaços ainda maiores.

1. O Reitor-Mor alude aos contragolpes que as mudanças culturais em que vivemos desferem contra a família. Justamente porque toda mudança produz incertezas, é preciso fazer primeiro com que não esmoreçam os princípios humanos e cristãos sobre os quais se funda a família, os valores que na mudança devem permanecer imutáveis. A Igreja com o seu magistério preocupa-se em esclarecer tais valores e princípios, e, portanto, a primeira preocupação dos membros da Família Salesiana será assimilar os ensinamentos do magistério conciliar, pontifício e episcopal sobre os vários pontos que a mudança põe em discussão, tornando-os inspiração da própria vida, da ação, da educação, aprofundando-os e difundindo-os como os Cooperadores fizeram no Congresso do Centenário e os Ex-alunos no Eurobosco e no Congresso Nacional francês.

2. As chamadas ciências humanas já entraram de cheio na problemática familiar; medicina, sociologia, psicologia, pedagogia, com suas pesquisas, com suas técnicas, com as suas conclusões estatísticas elaboraram normas de comportamento e podem intervir para defender ou para demolir o valor da vida. É urgente conhecer e aplicar essas novidades a fim de demonstrar que o primitivo projeto de família é ainda válido. Basta pensar em certa educação sexual na escola, na proclamação dos valores da mixité, na ousadia de alguns novos sistemas pedagógicos.

3. Feita a nova síntese, devemos tornar-nos defensores e apóstolos nas iniciativas de preparação para o casamento ou para os jovens esposos, nos jardins da infância, nos consultórios. Deve-se pensar na espiritualidade familiar, animando movimentos cristãos. Pensar em associações para defesa dos direitos dos menores, de orientação e de crítica ante a influência da comunicação social. Há a presença nos organismos escolares: conselhos de pais ou órgãos colegiais, em que eles estão presentes. Há a assistência social às famílias numerosas; a defesa da escola livre, a promoção de leis justas para a educação, a luta contra a pornografia, o amor livre fora do matrimônio, e tantos outros desvios.

Onde o testemunho for mais límpido, a ação será por certo mais digna de fé.

4. Na ação social e política há, hoje, um campo aberto à ação da Família Salesiana, porque com a diversidade dos ministérios, serviços, empenhos e responsabilidades possíveis dentro do seu pluralismo, pode ela concorrer para uma ação comum onde quer que os valores da família cristã e natural estejam em jogo, como nos parlamentos, nas conferências sobre o planejamento familiar, sobre direitos e deveres dos cônjuges, sobre os direitos da criança, sobre o trabalho do menor, sobre os projetos de reforma universitária, sobre o divórcio, o aborto...

5. É justo reconhecer que existem na família salesiana muitos educadores, colaboradores, testemunhas, empenhados a nível cultural, também universitário, social, sindical, cívico e político, e cumprem uma missão muito eficiente.

Entre eles há Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias de Dom Bosco, outros membros de institutos religiosos e seculares, Cooperadores, Ex-alunos, Ex-alunas, amigos e colaboradores, portadores da paixão de uma só vocação e da eficácia de um só projeto: vocação e projeto salesianos.

É um empenho que se vive em todas as latitudes, climas, condições sociais, culturais e religiosas, nos ambientes do primeiro, segundo, terceiro mundo, nas regiões de antiga cristandade e nas de missão, onde com a Igreja nasce a família cristã.

Esse imenso empenho pode crescer em eficácia e em dimensões se todos, no espírito da Família Salesiana, programarmos juntos o trabalho, distribuindo melhor as forças, desperdiçando-as menos, confiando a cada grupo a ação que lhe é mais natural e para a qual é mais competente, integrando os papéis na "união dos bons para fazer o bem", que foi uma idéia constante de Dom Bosco e que deveria ser uma consequência da vocação salesiana única e diversificada, de que vive a nossa Família com "intercâmbios fraternos, enriquecimento recíproco, maior colaboração... aceitação co-responsável da pastoral da Igreja local, para uma evangelização eficaz e para a catequese... estruturas

de informação e formação” estudadas juntos para “nos habilitarmos para este serviço eclesial” e descobrir “os meios idôneos para realizá-lo” (CGE 189).

Estas notas não esgotam por certo o vasto campo deste particular aspecto operativo sugerido pela “lembrança”. Nos vários lugares, ambientes e situações poder-se-ão encontrar novas iniciativas e atividades, com a inventiva que é uma das características do espírito salesiano. Ponhamos, entretanto, esta procura sob a proteção da Auxiliadora de Dom Bosco.

“No princípio era a mãe”, escreve Joergensen, ao começar a sua vida de Dom Bosco com uma homenagem a Mamãe Margarida, educadora de Dom Bosco e primeira mestra do seu projeto, no qual há ainda o sinal de outra presença materna; com efeito: “A Família Salesiana nasceu com marcante fisionomia mariana... que tornará mais clara e garantirá a sua identidade espiritual”, diz o CG21 (531). Ela, a Virgem Auxiliadora, é Mãe da Família, de toda a Família; mãe da juventude, de toda a juventude, coração que une todos os seus filhos.

2.3 *O Conselheiro para as missões*

O Dicastério para as Missões volta neste momento sua atenção e empenho de maneira particular à África para realizar o que foi decidido pelo CG21.

Na “Relação Geral sobre o Estado da Congregação” que apresentou como Reitor-Mor ao CG, referindo-se à abertura da nova obra de Makallé na Etiópia, o P. Ricceri escreveu: “A entrada na Etiópia quer indicar para nós o interesse privilegiado que no próximo futuro a Congregação pretende dedicar à África na sua ação missionária. Apesar das muitas convulsões de que temos notícia, recebemos numerosos pedidos provenientes de dezenas de Bispos.

“A população não só é disponível, mas deseja e verdadeiramente necessita da obra do missionário. Que dizer então da juventude, a enorme maioria, que prepara o futuro desse

imenso continente e terá um papel inteiramente novo na comunidade dos povos e na Igreja do próximo século? Pensamos também no desenvolvimento das vocações naquelas terras". (P. 196, n. 276).

Os membros do CG aceitaram com entusiasmo o convite do Reitor-Mor a refletir sobre o desenvolvimento da ação missionária salesiana na África, e uma orientação prática decidiu concretamente: "Os salesianos — lê-se nos CG21 no n. 147a — sem excluir a possibilidade de iniciar e desenvolver sua ação missionária em outras regiões promissoras ou necessitadas, empenhem-se em aumentar de maneira significativa sua presença na África".

Tal deliberação realiza a um século de distância quanto Dom Bosco havia antecipado ao Cardeal Lavigerie na igreja de São Pedro, ao conversar com ele em Paris: "Eu estou nos suas mãos, Eminência, para fazer na África tudo o que a Providência me pedir... Se pudermos fazer alguma coisa na África, toda a Família salesiana está comigo à disposição, mandarei para lá os meus filhos..." (MB 16, 254).

Chegou o momento em que "a Providência" pede à nossa Congregação que se "faça alguma coisa", porque 35 Bispos de 21 nações africanas fizeram ao Reitor-Mor pedidos de fundações.

A 31 de dezembro de 1977 a nossa presença na África contava 333 salesianos em 13 nações. Pode-se considerar um número apreciável, mas se refletir que representa somente 1,9% do número total dos Irmãos, ao passo que 12% se encontra na Ásia, 24% na América Latina e 58% na Europa, então a África tem razão de esperar um esforço mais intenso e sério da nossa parte, também porque existem todas as condições, especialmente entre os jovens, para que se possa desenvolver a nossa missão.

É a hora do imenso continente negro, disputado por ideologias opostas, e mais do que nunca é válida hoje a voz do CGE: "O Capítulo Geral Especial lança um apelo a todas as Inspetorias, mesmo as mais pobres de pessoal, para que, em obediência ao convite do Concílio e consoante o ousado exemplo de nosso Fundador, contribuam com pessoal próprio, definitiva ou temporariamente para o anúncio do Reino de Deus (ACGE 477).

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

3.1 *Elenco necrológico dos irmãos falecidos*

No exame da reestruturação dos Atos do Conselho Superior segundo os critérios expostos pelo Reitor-Mor na sua carta de 24 de novembro, chegou-se às seguintes decisões:

a) Ao falecer um Irmão o Inspetor local enviará quanto antes uma comunicação ao Secretário do Conselho Superior. A notícia será publicada nos Atos do Conselho Superior e será acompanhada apenas dos seguintes dados de identidade:

- 1) lugar e data de nascimento e de morte,
- 2) anos de profissão religiosa e de sacerdócio, e, se o irmão desempenhou algum cargo de particular relevo (Inspetor, Bispo etc.) indicar-se-á também a duração de tal serviço.

As demais notícias que até agora constituíram o “perfil necrológico”, após atento exame, reputaram-se muitas vezes sem significação válida: o pouco espaço reservado a tais notícias, as expressões usadas, quase sempre convencionais e estereotipadas, fizeram-lhe perder o escopo pelo qual o perfil havia sido concebido.

b) Aproveita-se, porém, a oportunidade para o dever que incumbe ao Diretor da comunidade a que pertencia o Irmão falecido, de escrever com fraterna solicitude a carta mortuária, a fim de que, como nos lembra o art. 66 das nossas Constituições, se conserve viva a lembrança dos Irmãos que trabalharam conosco e que não raro sofreram, às vezes até ao martírio, por amor do Senhor. A sua presença mística deve ser para nós um estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão.

Da carta mortuária enviar-se-á

— uma cópia a todas as comunidades da Inspetoria a que pertencia os Irmãos e a outros centros inspetoriais onde era conhecido;

— cinco cópias ao Secretário do Conselho Superior, que as colocará à disposição dos Boletins Salesianos que as solicitarem.

3.2 *Comunicado do secretariado para as Comunicações Sociais*

Os Atos do Conselho Superior não terão mais a rubrica “Magistério Pontifício”.

Para substituir essa secção exortam-se vivamente todas as comunidades inspetoriais e locais a assinarem a edição semanal de “L’Osservatore Romano” na própria língua.

O Secretariado das Comunicações sociais apontará, vez por vez, os documentos pontifícios de particular interesse para a Congregação. O Reitor-Mor e os Superiores do Conselho tê-los-ão presentes em suas intervenções nos Atos.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 *Trabalhos do Conselho Superior*

Após quatro meses dedicados pelos Dicastérios sobretudo ao estudo dos problemas de sua competência, e pelos Regionais a encontros e contactos vários nas Inspetorias da Região a eles confiada — disso apresenta-se ampla informação em outra parte desta “rubrica” — o Conselho encontrou-se novamente completo em Roma dia 1.º de novembro para a “sessão plenária” já programada para os meses de novembro e dezembro.

Depois dos relatórios do Reitor-Mor e de cada Conselheiro sobre o trabalho e os problemas tratados nos meses precedentes, o Conselho elaborou uma densa “ordem do dia”, da qual damos uma comunicação resumida.

1. Foi elaborada a programação das visitas extraordinárias das quais fala o art. 96 dos Regulamentos, modificado pelo CG21 (n. 445): “(O Reitor-Mor) em particular durante o sexênio do seu mandato determinará para cada Inspetoria uma visita extraordinária, que poderá ser realizada, segundo a oportunidade, pelo Conselheiro Regional ou por outro Visitador encarregado pelo Reitor-Mor, com os poderes de jurisdição requeridos pela natureza da própria visita”.

As visitas serão efetuadas no quadriênio 1979-1982, para permitir que Superiores e Inspetores se dediquem em 1983 à preparação do Capítulo Geral.

2. Foi programada também uma série de “encontros em conjunto” para o triênio 1979-1981, durante os quais o Reitor-Mor, alguns Superiores dos Dicastérios e o competente Regional irão às diversas Regiões para alguns dias de convivência, estudo e animação.

Os particulares sobre o tempo, lugar e modalidades de tais “encontros em conjunto” serão comunicados com grande antecedência para que se preparem com grande cuidado, a fim de garantir-lhes a eficácia.

3. Sempre no tema de programação foram estabelecidos e coordenados vários “encontros setoriais” para diversas categorias, limitados no biênio 1979-1980.

4. Foram examinados e avaliados os resultados de dez consultas para a nomeação dos Inspetores das Inspetorias nas quais está por findar o mandato dos Inspetores no cargo. As novas nomeações serão noticiadas a seu tempo em apropriada rubrica dos Atos.

5. Dos demais problemas estudados apresentamos apenas a lista: as soluções e orientações tomadas pelo Reitor-Mor e pelo Conselho para cada um deles são ou serão comunicados na forma exigida pela natureza dos problemas.

— Exame do resultado da consulta feita entre todos os Irmãos da Inspetoria de Madrastra (Índia) sobre a oportunidade e modo de dividir a Inspetoria.

— Escolha de lugares, tempos e modos para o estabelecimento da “nova fronteira” na África, e exame de outros pedidos de trabalho missionário chegados ao Reitor-Mor.

— Problemas de metodologia e pastoral missionária.

— Reestruturação das comunidades de Valdocco para melhor corresponder ao objetivo geral proposto pelo Reitor-Mor e aprofundado no precedente “pleno” do Conselho Superior: “Fazer que em Valdocco viva e opere um centro de vida mariana para toda a Família Salesiana, a serviço da vocação salesiana e como sinal da sua renovação em âmbito local, nacional e mundial.

— Nova estruturação dos Atos do Conselho Superior.

— Critérios para a distribuição de subsídios e contribuições diversas do Reitor-Mor e do Conselho Superior no âmbito da Congregação Salesiana.

— Problemas vários referentes à formação: projetos para a preparação dos formadores.

— Os centros salesianos de estudo — curriculum dos estudos eclesiásticos e prazos para as sagradas ordenações.

— Elaboração de um roteiro concebido como subsídio técnico útil para os Visitadores Extraordinários, em conexão com o documento “significado e finalidade da visita canônica” preparado na sessão anterior.

— Previsão de estudos e preparação de material para a futura Comissão pré-capitular das Constituições e Regulamentos em vista do próximo Capítulo Geral 22.

— Exame da composição do “Manual do Inspetor e do Diretor” exigido pelo CG21 e providências para a reestruturação do Arquivo Central.

Antes de encerrar a sessão os Superiores do Conselho estiveram em Nemi, no Instituto “Gesù e Maria” para um curso de exercícios espirituais, que foi dirigido pelo P. João Odasso.

4.2 *Atividades dos Superiores do Conselho*

O Reitor-Mor

Em 22 de setembro o Reitor-Mor partiu de Roma para Madri onde, dia 23, encerrou o EUROBOSCO com a homilia da Concelebração por ele presidida e com um discurso no ato final no Palácio dos Congressos.

Nos dias seguintes visitou os Salesianos de Lisboa, Valência, León e Madri. Foram encontros cordiais, que versaram o esquema comum de uma série de sucessivas reuniões em cada Inspetoria: com o Conselho inspetorial, com os Irmãos, com os Diretores, com as Filhas de Maria Auxiliadora, com a Família Salesiana.

Em Valladolid, na manhã de 29 de setembro, enquanto se preparava para a Concelebração, recebeu a dolorosa notícia da morte do papa João Paulo I. Iniciou então imediatamente os sufrágios pelo Pontífice desaparecido.

De Madri, o Reitor-Mor partiu a 2 de setembro para a ilha de Cuba, onde foi recebido pelo Inspetor P. Mellano, por Irmãos e por Filhas de Maria Auxiliadora. Foram dez

dias de contactos pessoais e comunitários muito consoladores. Os onze Salesianos e as cinco Filhas de Maria Auxiliadora haviam esperado ansiosamente a visita. Além de visitar as “pequeníssimas” comunidades (em Havana, Santa Clara e Santiago), o P. Viganó esteve em Camagüey, onde não temos mais obras mas se conserva bem viva a lembrança do nosso trabalho. A permanência proporcionou-lhe a oportunidade de encontros prolongados com o Sr. Nuncio, com os Srs. Bispos, com os membros da Família Salesiana, com Sacerdotes e Religiosas; e de uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora “del Cobre”, padroeira de Cuba.

A 9 de outubro deixou Havana para ir à Cidade do México. Aí deu preferência a um encontro com os nossos Missionários que trabalham entre os Mixes, indo encontrá-los em Ayutla, Matagallinas e Oaxaca. Visitou em seguida os Irmãos da Inspetoria de Guadalajara e da Cidade do México, seguindo ainda o esquema da Península Ibérica. Antes de voltar, quis visitar como peregrino o novo Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe a fim de rezar pela Congregação. A 16 de outubro chegava a Roma, a tempo para a fumaça branca na eleição do novo Papa.

17 de outubro: outra viagem, desta vez à Suíça. Acompanhado pelo P. Van Severen e pelo P. Aubry, o Reitor-Mor dedicou dois dias e meio a Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores e Ex-alunos em Lugano, Maroggia, Sion, Beromünster e Zurique, para um sentido mais vivo de convergência comum e crescimento “suíço” da Família Salesiana.

O 75.º aniversário da nossa chegada a Malta teve a presença do Reitor-Mor na ilha, com o P. Williams, de 2 a 4 de dezembro. As várias obras de Sliema e Dingli, as Filhas de Maria Auxiliadora e toda a Família Salesiana tiveram a satisfação da sua presença. Numa entrevista com o Presidente da República pôde constatar a vitalidade e a contribuição social e eclesial da vocação salesiana nas ilhas maltesas. Foi uma visita de alegria mútua e ação de graças, de animação, de fidelidade às magnânimas tradições cristãs e paulinas da ilha e de esperança vocacional e missionária.

O Vigário do Reitor-Mor

O Vigário do Reitor-Mor esteve em Zagreb para participar da consagração do templo a Maria Auxiliadora, a 15 de outubro.

Pôde assim contactar o Conselho Inspetorial da Inspetoria de Zagreb, a comunidade do estudantado filosófico-teológico de Zagreb-Knezija, os aspirantes de Rijeka e um grupo de párocos.

Aproveitou também a ocasião para ir a Ljubljana-Rakovnik, onde se encontrou com os Irmãos do estudantado teológico, e a Zelimlje para uma breve visita aos jovens Irmãos do liceu, aos noviços e aos aspirantes.

Dicastério para a formação

1. Iniciou-se a 2 de novembro, no "Salesianum" de Roma, um Curso de formação permanente, organizado pelo Dicastério para a formação. Dele participam 34 Irmãos assim distribuídos por inspetorias: Argentina 6, Antilhas 1, Brasil 5, América Central 1, China 1, Equador 1, Filipinas 1, Índia 5, Itália 5, Irlanda 1, Jugoslávia 1, Polónia 2, Espanha 3.

É um curso geral, que entretanto previu a presença de vários Irmãos destinados a dirigir outros centros regionais ou inspetoriais.

2. No fim de novembro o Conselheiro para a formação enviou aos Inspetores, Conselheiros inspetoriais e "Comissões inspetoriais para a formação" dois breves documentos:

a) O primeiro é um subsídio para uma reflexão sobre a formação na Inspetoria, exigida pelo CG21: "O Conselheiro para a formação, em diálogo com os respectivos Conselheiros regionais e Inspetores, estimule nas Inspetorias uma sempre maior co-responsabilidade e participação ativa na análise da situação atual das comunidades formadoras e coordene uma série de intervenções capazes de garantir uma oportuna realização das decisões capitulares" (n. 254).

b) O segundo documento é um memorando sobre alguns pontos respeitantes à formação salesiana e que o CG21 assinalou como particularmente importantes e urgen-

tes. Trata-se de pontos que a Ratio Institutionis retomará oportunamente, mas que sendo disposições imediatamente obrigatórias devem-se aplicar sem aguardar a promulgação da Ratio.

3. Em reuniões periódicas o Dicastério dedicou-se ao estudo dos diversos projetos elaborados nos meses de julho-setembro e de modo especial à preparação da Ratio Institutionis e Studiorum.

Dicastério para a família salesiana

1. *Família salesiana*

Durante os últimos meses o Conselheiro apresentou ao Conselho Superior a programação do Dicastério e do “Secretariado da Comunicação Social” recentemente instituído (Cf. CG21, n. 153.402-403 e artigo modificado 141 das Constituições). Procedeu depois à constituição dos organismos do Dicastério e do Secretariado encaminhando-lhes as atividades mediante encontros com a Comissão de salesianos que têm a nível mundial tarefas de animação dos vários ramos da Família Salesiana por norma das Constituições ou delegação do Reitor-Mor, estudando juntamente com eles programas e orientações. Deu-se dessa maneira início à coleta de notícias históricas dos vários grupos seculares e religiosos que floresceram na vocação salesiana para estudar-lhes os valores específicos nos seus documentos.

*** Em particular para os Cooperadores**

— Reunião do Corpo Consultivo Mundial dos Cooperadores Salesianos, de 15 a 18 de junho, cujos Atos estão em “Salesiani Cooperatores”, Ano 6, 3. Os 29 membros encontraram-se com o Conselho Superior e receberam do Reitor-Mor as “linhas programáticas”.

— Apresentação ao Conselho Superior e discussão das variantes no Novo Regulamento dos Cooperadores propostas pelo Congresso Mundial, e redação definitiva delas, promulgada pelo Reitor-Mor a 24 de maio de 1978.

— Redação dos Atos do Corpo Consultivo Mundial e do seu Regulamento interno.

— Reunião da Secretaria Executiva do Corpo Consultivo Mundial para a execução das conclusões de 27 a 29 de outubro. Esteve presente o Reitor-Mor que comentou a “lembrança” para 1979.

* *Os Ex-alunos*

— Celebração do 3.º Eurobosco (Congresso Europeu) em Madri de 19 a 23 de setembro, durante o qual foram tratados os temas: a) A unidade europeia e a contribuição dos Ex-alunos; b) A família e os seus valores cristãos na nova Europa; c) a escola católica na Europa e o compromisso dos Ex-alunos.

— Reunião da Presidência Confederal em Madri a 23 de setembro para o balanço do Congresso e o programa dos próximos anos. Falou-se aí do próximo Congresso Latino-Americano (27 de janeiro — 2 de fevereiro de 1979) e Asiático-Australiano em 1980.

— Reunião da Junta Confederal dos Ex-alunos dia 20 de outubro.

O P. Raineri participou ainda de 18 a 28 de julho no Curso de formação permanente de 30 Irmãos italianos em Cremisan, falando dos temas do CG21.

Aproveitando a viagem à Espanha fez a reunião dos Srs. Inspectores e Delegados Inspeccionais dos Ex-alunos e dos Cooperadores; encontrou-se depois com a Comunidade do Centro Editorial e de Comunicação Social de Madri Alcalá.

Participou por fim da reunião dos Delegados Inspeccionais dos Cooperadores e dos Ex-alunos da Itália, a 14 de setembro e do Conselho Nacional italiano dos Ex-alunos a 10 de setembro.

2. *Secretariado da comunicação social*

Após a aprovação pelo Conselho Superior da programação a 6.6.1978 do Secretariado Central para a Comunicação Social instituído pelo Capítulo Geral, o Reitor-Mor confiava a sua direção ao P. Ettore Segneri, como Delegado Central Salesiano da Comunicação Social.

A composição do Secretariado consta — além do Conselho Geral para a Família Salesiana e do Delegado Central, — dos seguintes Irmãos:

P. Marco Bongioanni	<i>Diretor da Agência de Notícias Salesianas, ANS;</i>
P. Enzo Bianco	<i>Diretor do Boletim Salesiano italiano;</i>
Coad. Guido Cantoni	<i>Administrador do ANS, Dossier Boletim Salesiano e Estúdio ACV (= Estúdio Audio Cine Video);</i>
P. Antonio Gottardt	<i>Responsável pelos serviços fotográficos;</i>
Coad. Fulgencio Ceccon	<i>Responsável pelo Estúdio Audio Cine Video — ACV.</i>

Para a ligação com os Dicastérios e como peritos nos aspectos pastorais da C. S. foram designados: P. João Barroero (Formação), P. Jesus Mairal (Pastoral Juvenil), P. Antonio Smit (Missões), P. Mario Cogliandro (Família Salesiana). Haverá ainda um Corpo Consultivo Mundial em via de constituição.

Após uma primeira reunião na presença do Reitor-Mor, o Secretariado pôs-se logo ao trabalho para elaborar um “Projeto de programação” baseado no Programa aprovado pelo Conselho Superior. No “Projeto” afirma-se que a C. S. torna-se presença educativa de massa e escola alternativa especialmente para os jovens, prende-se a Dom Bosco e torna-se instrumento privilegiado de evangelização, catequese e promoção humana.

Tendo presente a situação da Congregação neste setor, o Secretariado quer promover com seriedade a formação, a busca, a produção audiovisual, a informação salesiana e ajudar a reflexão sobre o uso pastoral dos instrumentos de comunicação social de massa (cinema, rádio, televisão, imprensa) e de grupo (os audiovisuais) e a expressão juvenil (música, teatro etc.).

Uma série de “projetos” — Formação nos vários níveis, inicial e permanente; atividades de produção e de utilização de programas; Informação Salesiana — ajudarão a consecução dos objetivos pelos quais o Secretariado foi constituído pelo CG21.

O Projeto de programação será editado num “caderno” especial do ANS.

Entre as atividades assinalam-se:

— A reestruturação da Informação Salesiana que compreende: ANS, nova fórmula; Dossiê para Boletins Salesianos; Serviços de fotos, diapositivos, *videocassettes*, curtas metragens etc.

— A expedição para as comunidades inspetoriais e locais de um Questionário para recolher os dados para a edição de um Catálogo dos Comunicadores Salesianos e das Obras de Comunicação;

— A nova edição com novo colorido da primeira parte do Filme “Dom Bosco” de G. Alessandrini, em 16 mm.

— A realização no Estúdio ACV da Casa Geral, de alguns programas aos cuidados dos Cooperadores Salesianos e da Caritas, transmitidos pela Rádio Televisão Italiana.

— O documentário sobre o Congresso Nacional dos Ex-alunos Salesianos da Itália em Pompéia.

— Os Documentos sobre as obras e missões salesianas no México e na América Central (em adiantada fase de elaboração).

Estão-se elaborando um “Ideário para os Boletins Salesianos” e os programas para encontros regionais e continentais dos delegados nacionais e inspetoriais para a Comunicação Social, os Diretores dos Boletins Salesianos, dos Informativos Inspetoriais, dos Editores e dos Responsáveis por emissoras de rádio e televisão salesianas e de outras atividades e obras de comunicação salesiana.

Dicastério para as missões

No começo do mês de outubro o Conselheiro para as Missões participou com o Ecônomo Geral, P. R. Pilla, e com o Conselheiro Regional de língua inglesa, P. J. Williams, de um encontro realizado em New Rochelle com o Conselho Inspetorial para estudar problemas de caráter econômico em favor das Missões. Aproveitando então da viagem aos Estados Unidos pôde manter contactos úteis em Washington

e em Toronto com organizações empenhadas na promoção do laicado missionário.

Na segunda parte do mesmo mês, encontrou-se em Jakarta (Indonésia) com o Inspetor das Filipinas e tratou com ele problemas referentes à nossa presença naquela região e o possível envio de novo pessoal a Timor para ajudar os Irmãos que já trabalham na ilha. Houve contactos muito interessantes com vários Bispos, alguns dos quais insistiam numa colaboração salesiana em suas dioceses.

O ecônomo geral

O Ecônomo Geral, no mês de outubro, viajou para algumas Inspetorias e Países para encontros com os Superiores locais competentes, a fim de estudar com eles vários problemas, conhecidos pelo Conselho Superior e de grande importância, a fim de encaminhá-los para uma solução satisfatória com adequadas diretrizes.

O primeiro trabalho realizou-se na Inspetoria da Venezuela, com a participação ativa do Conselheiro Regional, P. Sérgio Cuevas.

Nos dias 4 e 5 de outubro o Ecônomo Geral e o P. Cuevas acompanhados pelo Ecônomo inspetorial da Venezuela P. Francisco Visentin na qualidade de perito, encontraram-se em Miami (USA) com os Ecônomos inspetoriais do México e da América Central, com o Inspetor do Equador P. Carlos Valverde e com o encarregado do Fundo Vocacional Latino-Americano P. João Porter, interessados em tratar das eventuais possibilidades de venda de alguns terrenos de sua propriedade.

Depois, de 6 a 9 de outubro, o Ecônomo Geral esteve em New Rochelle (USA), onde o Conselheiro para as Missões P. Bernardo Tohill e o Conselheiro Regional P. Jorge Williams, com os quais anteriormente combinara tratar, de entendimento com o Inspetor, o seu Conselho e o encarregado da Procuradoria Missionária P. Eduardo Cappelletti, os vários aspectos da relação da Procuradoria com o Conselho Superior e com a Inspetoria.

De New Rochelle o Ecônomo foi a Bonn, onde o aguardava o Procurador para as Missões cessante P. João Rauh, antes de efetuar a entrega do cargo ao seu sucessor P. Carlos Oerder. Dia 13 de outubro regressava a Roma.

P. Walter BINI

Nos meses de julho-outubro, o Conselheiro Regional para a América Latina Região Atlântica visitou as treze Inspetorias da sua Região para um primeiro contacto e conhecimento das pessoas, obras, problemas.

Permaneceu alguns dias mais nas Inspetorias de Rosário, Bahia Blanca e Belo Horizonte a fim de apresentar pessoalmente aos Irmãos a consulta para a nomeação dos novos Inspetores.

Presidiu a reunião do grupo Inspetorial do Prata e Conferência Argentina, em Ramos Mejia (14-15 de setembro), e a reunião da Conferência Inspetorial Brasileira, em Jaboa-tão (10-12 de outubro).

Esteve presente também à reunião do Corpo consultivo de Pastoral Juvenil do Prata, em Ramos Mejia (6 de setembro), e à Equipe Interinspetorial de Pastoral Juvenil do Brasil, em Campo Grande (24 de outubro); deu ainda início ao 4.º curso de Formação Permanente no Brasil, Barbacena (1-3 de julho).

P. Sérgio CUEVAS

O Conselheiro regional Pacífico-Caribe conseguiu contactar todas as Inspetorias (11) da Região; dando especial importância aos encontros com os respectivos Inspetores, Conselhos Inspetoriais, "Equipes" formativas, Delegados Inspetoriais, Comunidades Formadoras e obras mais significativas de cada uma das Inspetorias...

A nível regional, tomou parte no seminário sobre a Formação Permanente realizado em Quito-Equador (16-24 de agosto); depois, juntamente com o Conselheiro para a For-

mação, P. J. Dho, animou o encontro com os responsáveis inspetoriais para a Formação, em Caracas-Venezuela (24-30 de setembro); participou, além disso, num encontro com os ecónomos inspetoriais da zona norte da Região; e por fim, promoveu e tomou parte num seminário de estudo sobre os movimentos juvenis salesianos da região em Bogotá-Colômbia (24-28 de outubro).

Juntamente com o Reitor-Mor visitou os principais centros da missão salesiana entre os Mixes, no México (outubro de 1978).

P. Paulo NATALI

— *Turim-Valdocco*. Alguns encontros com os Conselhos Inspetoriais da Central e da Subalpina, com o Conselho da Comunidade sui juris e com outras comunidades e Irmãos para comunicar as “linhas de reflexão” que o Conselho Superior havia elaborado em relação ao “Projeto Valdocco”. As sugestões permitirão ao Conselho Superior a tomada de algumas decisões a fim de “fazer de Valdocco um centro de vida mariana para toda a Família Salesiana, a serviço da vocação salesiana e como sinal da sua renovação em âmbito local, nacional, mundial”.

— Em *Turim* e em *Roma*. Reuniões por Setores da CISI. Exame da nova organização da CISI em geral e reflexão sobre a fisionomia particular de cada Setor. Em preparação às intervenções e decisões a tomar na CISI de Novembro.

— Em *Cremisan*. Cursos de Formação Permanente. Atualização, juntamente com o P. João Raineri, sobre os conteúdos do CG21.

— Em *Cremisan*. Exercícios Espirituais dos Inspetores, verificação do Curso de Formação Permanente e encontro com os Inspetores da Região para uma comunicação sobre os problemas da Inspetoria do Oriente Médio.

— Contactos para a constituição das duas Comunidades Formadoras com sede em Roma: dos Teólogos no Gerini, dos Pós-noviços em Frascati-Vila Sora.

— CISI: 11-12 de novembro, em Roma, na Casa Geral. Ordem do dia:

a) Regulamento da Conferência das Inspetorias Salesianas da Itália,

b) Relações de cada Inspetor sobre os setores de sua competência,

c) Comunicações sobre o Projeto educativo e pastoral salesiano (P. Vecchi),

d) Organização econômica da CISI.

— Presidência da CISI: 10-11 de dezembro: para exame de “CNOS-FAP”, em Roma, Casa Geral.

P. Tomás PANAKEZHAM

O Conselheiro regional para a Região asiática teve o seu primeiro contacto com a Região asiática, recentemente constituída, visitando a Coréia, o Japão, Hong Kong, as Filipinas, a Índia e Sri Lanka.

Fez também as consultas exigidas para a nomeação do Delegado do Reito-Mor para a Coréia e dos novos Inspetores de Calcutá, de Gauhati e do Japão.

Teve também contacto com os conselhos inspetoriais e com os encarregados da formação e presidiu uma reunião da conferência inspetorial indiana.

P. José Antonio RICO

O Conselheiro regional para a Região Ibérica participou de dois cursos de Exercícios Espirituais para os Diretores de Portugal e da Espanha em Madri e Barcelona, nos meses de julho e agosto, para aprofundar a compreensão do CG21 sobre o tema do “Diretor salesiano”.

Em setembro tomou parte em Madri na reunião dos Inspetores que trataram os pontos focais do CG21, os deveres dos Inspetores e dos seus Conselhos, à luz do Capítulo geral, a Central catequística salesiana, a Procuradoria missionária de Madri e o programa a seguir no futuro.

P. Rogério VAN SEVEREN

Visitou as Inspetorias da Alemanha, Áustria, Iugoslávia e da África Central, encontrando-se com os Conselhos inspetoriais e com cada Comunidade dessas Inspetorias, e com os Irmãos que trabalham na Costa do Marfim. Nas Inspetorias de Zagreb e de Ljubljana e da África Central presidiu uma reunião de Diretores, tratando da execução das deliberações do Capítulo Geral 21. Encontrou-se com os bispos de Rwanda, Burundi, Zaire, Costa do Marfim e Senegal, que haviam pedido a abertura de uma obra salesiana em suas dioceses.

P. Jorge WILLIAMS

O Conselheiro regional para a região de língua inglesa visitou todas as Inspetorias da sua Região para manter encontros com os diversos conselhos inspetoriais e para fazer, nos limites do possível, uma breve visita a cada casa.

Passou ainda cinco dias na LIBERIA (um dos muitos países da África onde pedem a presença salesiana) para avaliar a situação in loco. Visitou também Pádua, Nova Guiné, ante o pedido do Pró-Núncio apostólico que queria os Salesianos para aquela nova nação a fim de trabalharem pela juventude.

Passou também nas duas Inspetorias dos Estados Unidos para a consulta dos Irmãos com vistas à nomeação dos novos Inspetores.

P. Agostinho DZIEDZEL

Nos últimos três meses conseguiu visitar todas as casas das duas Inspetorias polonesas (com exceção de duas) para um primeiro encontro na qualidade de novo Delegado do Reitor-Mor para a Polónia.

Deu cursos de Exercícios Espirituais na Inspetoria de Cracóvia para atualizar os Irmãos quanto aos trabalhos do CG21.

Reuniu em Czestochowa os dois Conselhos inspetoriais da Polônia para discutir os problemas conexos com a renovação da vida salesiana no espírito do CG21. Estudou ainda os meios para mais estreita colaboração entre as duas Inspetorias polonesas no campo da pastoral juvenil, vocacional, da animação da família salesiana e no setor da atividade editorial.

Reuniu os delegados inspetoriais para os Cooperadores Salesianos e para os Ex-alunos a fim de tratar do problema da animação da família salesiana, programando-se oportunas iniciativas.

Presidiu as inaugurações do ano acadêmico nos estudantes salesianos de Cracóvia e de Lad.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5. 1-3 *Homenagem do Reitor-Mor ao novo Papa*

5.1 **Telegrama a S. S. João Paulo II**

Roma, 17.10.1978

Congregação Salesiana participando exultante sua eleição supremo ministério pastoral seguindo fiel testemunho São João Bosco e lembrando sua paterna benevolência para com irmãos salesianos Polônia exprime filial devoção afirma plena adesão serviço eclesial invoca graça divina cumprimento grandes esperanças suscitadas novo pontificado no nome auspicioso João Paulo.

Padre Egidio Viganó Reitor-Mor

5.2 **Resposta da S. Sé**

Roma, 21.10.1978

Com viva gratidão pelos afetuosos votos bom augúrio ocasião sua elevação sumo pontificado Sua Santidade João Paulo II retribui devota lembrança com particular bênção apostólica penhor sua paterna benevolência ao mesmo ao mesmo tempo pede constante oração para feliz cumprimento seu universal ministério.

Caprio Substituto

5.3 **Carta a S. S. João Paulo II**

Roma, 29.10.1978

Beatíssimo Padre,

A Congregação dos Salesianos de Dom Bosco deseja exprimir a Vossa Santidade a sua alegria e o seu profundo agradecimento a Deus pela Sua designação para o ministério de Pedro.

É-nos muito grato poder renovar nas Suas Mãos o sentimento de filial adesão, atenta escuta e pastoral operosidade.

Fazemo-lo neste 28 de outubro, no qual celebramos a memória do Bem-aventurado P. Miguel RUA, primeiro sucessor de Dom Bosco, que nos legou um vivo testemunho de fidelidade ao Romano Pontífice, vivido com alegria até ao heroísmo.

Esta gozosa adesão e este fiel assentimento são um elemento constitutivo do nosso espírito, pelo qual sentimos vivo o empenho de transmitir aos jovens e às classes populares o amor ao Papa como Vigário de Cristo para guia da sua Igreja.

Congratulamo-nos de modo particular com Vossa Santidade por ser filho daquela “Polónia fiel” que está dando ao mundo esplêndido exemplo de solidez eclesial.

Os nossos Irmãos das duas Inspetorias de Cracóvia e de Varsóvia nos estão incentivando com a sua incontida felicidade a propósitos do mais diligente compromisso vocacional.

Em nome dos meus Irmãos e dos Institutos e Grupos pertencentes à Família Salesiana apresento a Vossa Santidade os melhores votos e copiosas preces pela Sua suprema missão apostólica, ao mesmo tempo que dirijo os mais cordiais parabéns pelo Seu próximo onomástico.

Maria Auxiliadora, Mãe da Igreja e Rainha da Polónia, proteja e acompanhe todos os dias o Seu Pontificado.

Com filial obséquio,

P. Egídio VIGANÓ

PS — Tomo a liberdade, Beatíssimo Padre, de incluir um cheque de L. 5.000.000 para as iniciativas que Vossa Santidade julgar oportuno ajudar.

* **Resposta**

VATICANO, 18.11.1978.

Reverendíssimo Senhor,

Com ânimo exultante pela elevação à Cátedra de Pedro do novo Sumo Pontífice João Paulo II, o senhor — em nome

também de toda a Congregação Salesiana de Dom Bosco — quis reafirmar os sentimentos de profunda e atuante fidelidade, valorizando a homenagem com a oferta de especiais orações e com o conspícuo óbolo de L. 5.000.000, posto à Sua disposição para as necessidades da Igreja.

Sua Santidade, ao exprimir sincero apreço pelo devoto gesto, e agradecendo de coração, confia em que essa Comunidade religiosa, tão espiritualmente achegada ao Papa pelo seu estado de consagração, persevere na gozosa e crescente dedicação a Cristo e à Igreja, sob a proteção de Maria SS. Auxiliadora e com a intercessão do insigne Fundador.

Com tais votos, o Santo Padre invoca sobre toda a Família Salesiana e especialmente sobre o senhor, uma especial efusão dos dons celestes, e de coração dá a confortadora Bênção Apostólica.

Valho-me da oportunidade para confirmar-me com sentimentos de religioso obséquio.

de Vossa Senhoria Rev.ma
Dev.mo no Senhor

† G. Card. Villot

5.4 *Fundo de solidariedade*

O “Fundo de Solidariedade”, feliz iniciativa do Sr. P. Ricceri, chega ao décimo ano em fevereiro de 1979.

Com as quantias recolhidas pôde-se atender a muitas necessidades materiais das nossas obras mais necessitadas e, sobretudo, ficou demonstrado o espírito de solidariedade que anima mutuamente todos os Irmãos. Os resultados atingidos encorajam a prosseguir na iniciativa. Agradecemos a todas as Comunidades pelo seu generoso empenho, permitindo-nos não somente lembrar que as quantias do fundo deveriam “provir de cada um de nós como pessoas, de nós como comunidade; não se trata, pois, de recolher ofertas

entre benfeitores, de tomar iniciativas de coletas, rifas etc. a fim de conseguir meios destinados a nossas obras necessitadas". (ACS n.º 256, p. 664).

Solidariedade fraterna (27.ª relação)

a) Inspetoria donde provieram ofertas

AMÉRICA

Bolívia	L.	2.460.000
Brasil (São Paulo)		1.000.000
Estados Unidos (Oeste)		4.000.000

ÁSIA

Índia (Calcutá)	1.000.000
Tailândia	1.000.000

EUROPA

Alemanha (Norte)	2.075.000
Itália (Meridional)	1.080.000
Espanha (León)	530.000

Reembolso 50.000

Total das ofertas chegadas entre 8.9.78 e 23.11.78 13.195.000

Saldo caixa anterior 329.244

Quantia disponível em 23.11.1978 13.524.244

b) Distribuição das quantias recebidas

ÁFRICA

Etiópia, Makalé: dos Estados Unidos (Oeste)	85.000
---	--------

AMÉRICA

Antilhas, Haiti: para manutenção e educação de jovens pobres	1.000.000
--	-----------

Argentina, Bahia Blanca: Rawson, para construir uma capela	1.500.000
Argentina, Rosário: às FMA, para a atividade das jovens cooperadoras	900.000
Chile, Linares: para um projetor com escopo pastoral	150.000
Colômbia, Bogotá: Agua de Dios, para material catequético	579.356
Colômbia, Bogotá: Bosconia, bolsa para um jovem na Itália	1.800.000
Equador, Mendez: dos Estados Uni- dos (Oeste)	200.000
Peru, Chosica: para reparação de danos	916.000

ASIA

Filipinas, Tondo: da Tailândia, para duas pequenas casas para pobres	L. 1.000.000
Índia, Calcutá: para os sinistrados de Krishnagar	2.000.000
Índia, Gauhati: para assistência mé- dica a um missionário	500.000
Índia, Gauhati: Tura, para a impres- são de material catequístico	500.000
Índia, Gauhati: Golaghat, para as necessidades da missão	500.000
Vietnã: a um Prelado	845.000

EUROPA

Itália, Romano-sarda: Formia, para ajuda extraordinária	500.000
Itália, Romano-sarda: Civitavecchia, para o Oratório	500.000

<i>Total das somas distribuídas entre 8.9.78</i>	
<i>e 23.11.78</i>	13.475.356
<i>Saldo em caixa</i>	48.888
<i>Total em Liras</i>	13.524.244

c) Movimento geral da solidariedade fraterna

<i>Quantias chegadas até 23.11.1978</i>	693.105.708
<i>Quantias distribuídas na mesma data</i>	693.056.820
<i>Saldo em caixa</i>	48.888

5.5 O Servo de Deus Augusto Czartoryski é Venerável

Dia 1.º de dezembro passado, foi promulgado na presença do S. Padre João Paulo II o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus Augusto Czartoryski, cabendo-lhe, pois, o título de “Venerável”.

Por feliz coincidência, o reconhecimento das virtudes heróicas do nosso Irmão foi feito por um Papa que é seu compatriota. Ao receber o agradecimento pelo presente que com tal ato fazia à Congregação e aos Irmãos poloneses, o Papa respondia agradecendo por sua vez o presente que a Congregação fazia à Igreja com as virtudes de Augusto Czartoryski.

Congratulamo-nos com os Salesianos da Polónia pelo privilégio que de modo especial lhes diz respeito, e convidamos todas as nossas Comunidades a acolherem o convite à santidade que nos faz o novo Venerável, como também a apresentarem aos nossos jovens o príncipe Czartoryski qual modelo de um estudo sério da vocação e de generosa e intrépida correspondência ao chamado do Senhor.

5.6 Carta de Cuba

HAVANA, Festa do Santo Rosário, outubro de 1978.

Querido Inspetor,
escrevo-te de Cuba onde me encontro em visita extraordinária.

É uma saudação emblemática juntamente com os generosos Irmãos e com a Família Salesiana Cubana!

A nossa vocação cresce, bela e útil, em todos os climas; aqui vai renascendo na esperança e na coragem; cultivam-se aqui intensamente os valores do invisível e toca-se com a mão a presença do Espírito do Senhor; aqui realmente se crê e confia na ajuda de Maria.

Cumprimentam-te de maneira particular a ti e aos noviços da tua Inspeção os dois jovens Irmãos cubanos, Eduardo e Adriano (25 e 29 anos), que fizeram a primeira profissão religiosa a 16 de agosto passado.

Quando o desafio dos processos culturais passa através das escolhas profundas do coração e se exprime evangelicamente no entusiasmo por Jesus Cristo e na disciplina concreta do dia-a-dia, vivida com o otimismo do espírito de Dom Bosco, torna-se pouco a pouco um incentivo de crescimento vocacional.

Lembra-te em tuas orações dos Irmãos de Cuba e medita no seu testemunho.

Uma saudação cordial a ti e à tua Inspeção.

No Senhor,
P. Egidio Viganó

5.7 Nomeações

Novos Inspectores

O Reitor-Mor, de acordo com o art. 169 das Constituições, nomeou os seguintes Inspectores:

Calcutá	—	P. José Kezhakkerara
Japão	—	P. Bernardo Yamamoto
Belo Horizonte	—	P. João Duque dos Reis
Rosário	—	P. Alexandre Buccolini
Gauhati	—	P. Mateus Kochuparambil
Bahia Blanca	—	P. Francisco Casetta

Nomeou também Delegado para a Coreia do Sul o P. Lucas van Looy

Nomeações Pontificias

1. Em 4 de novembro de 1978 o Santo Padre elegeu S. Ex.a Dom Oscar Rodrigues Maradiaba bispo titular de Pudenziana e auxiliar de Dom Heitor Santos Hernandez, arcebispo de Tegucigalpa (Honduras).

2. Em 6 de dezembro de 1978 o Santo Padre promoveu à sede metropolitana de Campo Grande (Brasil), recentemente ereta, S. Ex.a Dom Antônio Barbosa Guimarães, que já era bispo dessa diocese.

5.8 Irmãos falecidos

P. Alberto Lopez: * Puebla (México) 26.12.1901, † Puebla (México) 12.09.1978 aos 76 a. 55 de prof. 48 de sac. Por 9 a. Inspetor.

Sr. Alfredo Rezzi: * Ca' de Stefani (Cremona — Itália) 26.04.1915, † Ivrea (Turim — Itália) 8.10.1978 aos 63 a. 47 de prof.

Sr. Ambrósio Audoglio: * Frassinetto Po (Alessandria — Itália) 14.02.1892, † Borgo S. Martino (Alessandria — Itália) 4.09.1978 aos 86 a. 51 de prof.

P. Antonio Mateo: * Elche (Alicante — Espanha) 25.01.1899, † Cabezo de Torres (Espanha) 17.10.1978 aos 79 a. 63 de prof. 54 de sac.

Sr. Antonio Vianello: * Observatory (Cidade do Cabo — África do Sul) 6.12.1922, † Cidade do Cabo (África do Sul) 31.08.1978 aos 55 a. 37 de prof.

Sr. Armando Frasson: * Pully (Canton de Van — Suíça) 14.10.1901, † Shillong (Índia) 26.04.1978 aos 76 a. 53 de prof.

P. Battista Basso: * Fossalta di Piave (Veneza — Itália) 4.09.1924, † Pádua 16.10.1978 aos 54 a. 32 de prof. 26 de sac.

P. Bernardo Lomagno: * Orio Canavese (Turim — Itália) 24.02.1910, † Turim 6.02.1978 aos 68 a. 59 de prof. 42 de sac.

P. Bernardo Paplin: * Marienburg (Alemanha) 1.01.1933, † Puerto Pinasco (Paraguai) 10.02.1978 aos 45 a. 21 de prof. 12 de sac.

Sr. Bras Gallo: * Credilla de Sedano (Burgos — Espanha) † 11.06.1945, † Madri 27.03.1978 aos 33 a. 14 de prof.

Sr. Calogero Romano: * Racalmuto (Agrigento — Itália) 5.03.1908, † Palermo 9.10.1978 aos 70 a. 42 de prof.

P. Carlos Grace: * Surrey (Grã Bretanha) 1.04.1911, † Londres 9.09.1978 aos 67 a. 50 de prof. 38 de sac.

P. Carlos Moreton: * Ciudad Rodrigo (Salamanca — Espanha) 5.03.1929, † Madri (Espanha) 14.08.1978 aos 49 a. 31 de prof. 18 de sac.

P. Carlos Piccin: * Fior di Sotto (Treviso — Itália) 19.05.1978, † Soligo (Treviso) 22.10.1978 aos 70 a. 52 de prof. 44 de sac.

P. Celestino Slangen: * Hechtel (Bélgica) 25.10.1908, † Kortrijk (Bélgica) 8.08.1978 aos 70 a. 49 de prof. 41 de sac.

P. Ceslau Guzinski: * Wysock Wolkie (Polónia) 16.07.1908, † Wroclaw (Polónia) 31.07.1978 aos 70 a. 46 de prof. 33 de sac.

P. Digno Outeriño: * S. Pedro de la Mezquita (Orense — Espanha) 25.05.1892, † Alicante (Espanha) 4.05.1978 aos 86 a. 67 de prof. 59 de sac.

P. Domingos Martinez: * Coruña (Espanha) 20.09.1897, † Buenos Aires (Argentina) 18.10.1978 aos 81 a. 68 de prof. 56 de sac.

P. Emilio Angeletti: * Macerata (Itália) 17.03.1914, † Frascati (Roma) 30.07.1978 aos 64 a. 46 de prof. 38 de sac.

P. Fiori Di Benedetto: * Martignacco (Udine — Itália) 27.08.1896, † Turim 11.09.1978 aos 82 a. 53 de prof. 47 de sac.

- P. Francisco Baracco: * Turim (Itália) 29.11.1913, † Cuneo (Itália) 25.06.1978 aos 65 a. 48 de prof. 39 de sac.
- P. Francisco Blatnik: * Kohjsko (Eslovenia — Jugoslávia) 30.01.1899, † Peterson (Estados Unidos) 23.12.1977 aos 78 a. 58 de prof. 50 de sac.
- P. Francisco Mihelcic: * Brod (Eslovenia — Jugoslávia) 7.03.1925, † Ljubljana (Jugoslávia) 15.04.1978 aos 53 a. 36 de prof. 28 de sac.
- P. Gastão Hooft: * Stene (Bélgica) 4.10.1917, † Melsbrock (Bélgica) 19.09.1978 aos 60 a. 40 de prof. 31 de sac.
- Sr. Geraldo Defoor: * Gheluwe (Bélgica) 13.09.1906, † Oud-Heverlee (Bélgica) 4.11.1978 aos 72 a. 37 de prof.
- P. Gualter Weissaupt: * Kraiburg am Inn (Alemanha) 20.12.1921, Mannheim (Alemanha) 21.08.1978 aos 56 a. 39 de prof. 28 de sac.
- P. Helio Besa: * S. Lucia di Pudoia (Pordenone — Itália) 21.12.1912, † Pordenone 6.11.1978 aos 68 a. 49 de prof. 40 de sac.
- P. Huberto Roex: * Opoeteren (Bélgica) 8.07.1913, † Bilzen (Bélgica) 14.10.1978 aos 65 a. 45 de prof. 37 de sac.
- P. Isidoro Moro: * Salamanca (Espanha) 11.03.1904, † Madri 6.10.1978 aos 74 a. 56 de prof. 49 de sac.
- P. Jaime Muñoz: * Barcelona (Colômbia) 7.10.1936, † Armenia (Quindío — Colômbia) 24.09.1978 aos 42 a. 24 de prof. 15 de sac.
- P. João Batista Giraud: * Chevières (Loire — França) 76.02.1916, † Gradignan (Gironde — França) 25.09.1978 aos 62 a. 31 de prof. 26 de sac.
- P. João Baumann: * Wiesent (Baviera — Alemanha) 21.04.1897, † Medellín (Colômbia) 7.06.1978 aos 81 a. 56 de prof. 50 de sac.
- P. João Cancemi: * em Caltanissetta (Itália) 19.11.1890, † Catania (Itália) 2.10.1978 aos 88 a. 68 de prof. 59 de sac.
- P. João Castaño: * Aldearodrigo (Salamanca — Espanha) 31.12.1896, † Madri 6.10.1978 aos 82 a. 63 de prof. 54 de sac.
- P. João Galbusera: * Brivio (Como — Itália) 20.08.1905, † Legnago (Itália) 21.08.1978 aos 73 a. 58 de prof. 47 de sac.
- P. João M. Rocheron: * Berson (França) 13.07.1944, † Nice (França) 24.10.1978 aos 34 a. 11 de prof. 3 de sac.
- P. José Boira: * Monreal del Campo (Teruel — Espanha) 25.06.1899, † Elche (Espanha) 1.04.1978 aos 79 a. 60 de prof. 50 de sac.
- P. José Di Massa: * Gragnano (Nápoles — Itália) 22.02.1922, † Castellamare di Stabia (Nápoles) 23.10.1978 aos 56 a. 37 de prof. 27 de sac.
- P. José Garcia Conde: * Villarino (Orense — Espanha) 24.08.1927, † Jerez de la Frontera (Espanha) 22.09.1978 aos 49 a. 32 de prof. 23 de sac.
- P. José Krasocki: * Irkutski (Sibéria — URSS) 24.04.1905, † Ballarat (Austrália) 10.09.1978 aos 73 a. 52 de prof. 43 de sac.
- P. José Di Sivestro: * Randazzo (Catania — Itália) 19.06.1893, † Soverato (Catanzaro — Itália) 7.04.1978 aos 85 a. 65 de prof. 55 de sac.
- P. José Zeliauskas: * Ragujai (Lituânia) 13.12.1913, † Roma 20.08.1978 aos 65 a. 46 de prof. 38 de sac.

- P. Hércules Ercolani: * Montelanico (Roma) 28.04.1911, † Roma 15.01.1978 aos 67 a. 45 de prof. 39 de sac.
- P. Ladislau Konieczny: * Skawa (Polónia) 23.03.1907, † Skawa (Polónia) 20.08.1978 aos 71 a. 55 de prof. 45 de sac.
- P. Leão Cartosio: * Cassinelle (Alessandria — Itália) 23.09.1888, † Vigo (Espanha) 22.09.1978 aos 90 a. 74 de prof. 65 de sac.
- P. Mariano Maczynski: * Cracóvia (Polónia) 26.09.1899, † Cracóvia 2.09.1978 aos 79 a. 62 de prof. 52 de sac.
- P. Mario Leder: * Posina (Vicenza — Itália) 25.06.1914, † Faenza (Ravenna — Itália) 6.04.1978 aos 64 a. 48 de prof. 39 de sac.
- P. Mario Bianchi: * Villa Guardia (Como — Itália) 23.10.1912, † Como (Itália) 21.10.1978 aos 66 a. 44 de prof. 34 de sac.
- P. Mauricio Vaccarone: * Strambino (Turim — Itália) 17.08.1893, † Roma 6.01.1978 aos 85 a. 67 de prof. 56 de sac.
- Sr. Mario Roncoroni: * Como (Itália) 10.10.1899, † Turim (Itália) 5.10.1978 aos 79 a. 54 de prof.
- Sr. Miguel Bertoni: * Faenza (Itália) 29.09.1914, † Ralognail 3.10.1978 aos 64 a. 42 de prof.
- P. Orestes Broggi: * Luvinate (Varese — Itália) 6.12.1911, † Sulzano (Brescia — Itália) 17.08.1978 aos 67 a. de prof. 34 de sac.
- Sr. Otão Fritz: * Bermersbach (Alemanha) 30.10.1900, † Ensldorf (Alemanha) 25.09.1978 aos 78 a. 50 de prof.
- P. Pedro Duchâtelet: * Haubourdine (França) 7.09.1905, † Treveux (Ain — França) 3.11.1978 aos 73 a. 52 de prof. 42 de sac.
- P. Remo Ischia: * Bolzano 28.10.1924, † Mori (Trento — Itália) 17.09.1978 aos 54 a. 36 de prof. 26 de sac.
- P. Ricardo Musso: * S. Maurizio (Alessandria — Itália) 1.05.1906, † Hong Kong 16.10.1978 aos 72 a. 54 de prof. 47 de sac.
- Sr. Sante Melandri: * Faenza (Ravenna — Itália) 1.11.1914, † Faenza (Itália) 16.02.1978 aos 64 a. 47 de prof.
- Sr. Sebastião Contarin: * Loria (Treviso — Itália) 8.11.1897, † Bessica (Treviso — Itália) 18.11.1978 aos 81 a. 49 de prof.
- Sr. Vicente Morichini: * Foligno (Perugia — Itália) 28.12.1898, † Rimini (Forlì — Itália) 21.09.1978 aos 80 a. 55 de prof.
- Sr. Vigilio Telch: * Faver (Trento — Itália) 31.01.1903, † Nápoles 26.10.1978 aos 75 a. 45 de prof.
- P. Vitória Mauri: * Olgiate Molgora (Como — Itália), 23.04.1902, † Bolonha (Itália) 23.06.1978 aos 76 a. 47 de prof. 39 de sac.
- Sr. Xavier Noguer: * Frigiliiana (Malaga — Espanha) 25.03.1887, † Sevilha (Espanha) 27.05.1978 aos 91 a. 39 de prof.